



Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização
nos Países de Língua Portuguesa

ISSN: 1980-7686

suporte@mocabras.org

Universidade de São Paulo
Brasil

Megumi INAFUKU, Isis; Dresser ZAGO, Natália
África e Brasil: uma transposição didática e cultural
Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, vol. III, núm. 6,
marzo-agosto, 2009, pp. 243-251
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87913038018>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

África e Brasil: uma transposição didática e cultural

Africa and Brazil: a didactic and cultural transposition

Afrique et Brésil : une transposition didactique et culturelle

Isis Megumi **INAFUKU**

Natália Dresser **ZAGO**

RESUMO

Este depoimento relata uma experiência de aula que buscava, usando aspectos do continente africano, realizar uma transposição didática, explorando conteúdos ligados a Geografia, História, alfabetização, interpretação de texto, diversidade cultural e movimentos corporais.

Palavras-chave: África, Brasil, Transposição Didática.

ABSTRACT

This testimony tells a class experience that intended, using aspects of the African continent, to do a didactic transposition, exploring aspects of Geography, History, alphabetization, text interpretation, cultural diversity and body movements.

Index Terms: Africa, Brazil, Didactic Transposition.

RÉSUMÉ

Ce témoignage est sur une expérience de classe qui cherchait, en utilisant les aspects du continent africain, réaliser une transposition didactique, en explorant des contenus concernant la Géographie, l'Histoire, l'alphabétisation, l'interprétation de texte, la diversité culturelle et les mouvements corporels.

Mots-clés: Afrique, Brésil, Transposition Didactique

A partir dos encontros realizados no âmbito do “espaço de criação” coordenado pela professora doutora Nilce da Silva, elaboramos um plano de aula para uma turma do atual 3º ano (crianças de oito anos, em média) da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) Profª. Maria da Graça de Souza, localizada na cidade de Santo André em São Paulo. Realizamos tal experiência de transposição didática no sentido de que toda a aula ocorresse baseada nos aspectos da cultura afro-brasileira e das culturas africanas conhecidos no referido “espaço”.

Nosso projeto trabalhou com alfabetização, geografia, influências africanas no Brasil e diversidade cultural. Levamos em consideração que, provavelmente, a maioria dos alunos já estaria alfabetizada.

Tendo em vista que as crianças ficavam quatro horas na escola e tinham algum tempo para o café da manhã e a merenda, nosso projeto previa três horas e meia de atividades.

No dia da aplicação desta atividade, compareceram 19 dos 22 alunos da classe. A professora responsável pelo grupo nos apresentou à turma e permaneceu conosco durante todo o período. Falamos um pouco sobre nós mesmas para as crianças e pedimos que elas se apresentassem a nós. Dissemos brevemente como seria o nosso dia e fizemos uma sondagem do conhecimento prévio que elas tinham sobre a África.

Elas achavam que a África era um país e quando perguntamos como seria possível chegar até lá, alguns disseram que pegando muitos ônibus e trens, enquanto outros contestaram dizendo que só era possível ir para a África de barco ou avião. Também falaram que era lugar onde havia muitos negros e muitos animais.

Após essa conversa, apresentamos o globo terrestre aos alunos e a maioria tinha a idéia de que se tratava da Terra (ou melhor, de uma representação dela). Deixamos que todos explorassem o respectivo material de perto e passamos a falar de continentes. Apesar de alguns alunos se lembrarem da música *Ora Bolas*, do grupo Palavra Cantada, que tem a palavra *continente* na letra, muitos mostraram que não conheciam a palavra, muito menos seu significado.

Passamos algum tempo discutindo aspectos geográficos, os continentes, alguns países de cada continente, o movimento de rotação da Terra (o porquê de quando é dia no Brasil é noite no Japão), os principais pontos cardeais (N, S, L, O), os oceanos e os pólos, dentre outros temas introdutórios.

Perguntamos às crianças como fariam para desenhar o mundo todo numa folha de papel já que ele é redondo. A resposta a que chegaram foi a de que precisaríamos desenhar dois círculos, e, em cada um, um “lado” da Terra. Depois de algumas provocações, apresentamos o mapa do mundo a elas e explicamos, de maneira simples, como se chegou a esse mapa planificado que temos hoje em dia. Dissemos que seria impossível chegar à África por meio de transportes terrestres pelo fato de os continentes, africano e americano, serem separados por um oceano.

Tentamos explicar para nossos alunos os significados de algumas palavras na seguinte sequência: *casas* > *cidade* > *estado* > *país* > *continente*, o que notamos ser ainda muito abstrato para eles. Alguns não sabiam nem o nome da cidade onde moravam, porém outros conseguiram abstrair mais a idéia de *parte* e *todo*.

Em seguida, começamos a falar sobre linguagem e língua. Neste contexto, perguntamos qual era o nome da língua que estávamos usando

para conversar e tivemos como resposta mais recorrente: o “brasileiro” [sic]. Depois de falarmos que era o português, como alguns já haviam dito. Indagamos sobre qual seria o motivo de se falar a língua portuguesa e, tendo o silêncio como resposta, explicamos sobre a vinda dos portugueses para cá e a forma de colonização à qual fomos submetidos. Contamos que os portugueses haviam chegado, não só ao Brasil, como também para alguns países africanos¹.

Também perguntamos a eles o porquê de termos negros no Brasil e, mais uma vez, explicamos que eles foram trazidos pelos portugueses quando um dos nossos alunos complementou nossa resposta e disse que os mesmos tinham sido trazidos para trabalhar como escravos.

Depois da conversa, apresentamos o mapa do Brasil e sua divisão política, no caso, os estados. Contamos, junto com eles, quantos eram os estados, verificamos quais eram o maior e o menor deles e trabalhamos a questão dos pontos cardeais dentro do Brasil. Para isso, usamos os nomes dos estados do *Rio Grande do Sul* e do *Rio Grande do Norte*.

Após essa atividade, pedimos para que eles copiassem em seus cadernos o nome dos países e localidades que têm (ou tiveram) o português como língua oficial: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste (países) e Goa e Macau (localidades). Entregamos, neste momento, uma cópia xerocopiada do mapa do mundo para cada um deles.

Pedimos para que olhassem os mapas e tentassem localizar estes locais. Começamos com o Brasil. Apresentamos a bandeira brasileira e pedimos que pintassem o território do país com uma das cores da bandeira,

¹ Todos acharam tal informação - falar Português em África- interessante e alguns entrevistaram durante a explicação, fazendo perguntas e comentários.

com a ressalva de que não usassem o azul, pois ele representaria a água dos oceanos. Fizemos o mesmo com as outras localidades. Como alguns locais são muito pequenos, as crianças tiveram apenas de marcar um “X” sobre eles. Esta atividade demorou mais do que o planejado porque muitas crianças, antes de ouvir a explicação de onde ficava determinado país, já se levantavam e perguntavam onde era para pintar, o que deixou a explicação mais difícil e a atividade ficou um pouco desorganizada.

Após essa atividade, narramos para eles o conto africano “A moça e a serpente”, do livro *Bichos da África 2*, de Rogério Andrade Barbosa. Todos se entusiasmaram e prestaram muita atenção. O conto falava de uma moça que não quis respeitar a tradição do seu povo, de casar-se com o homem que o pai escolheu, e que acabou se casando com um homem que, na realidade, era uma serpente disfarçada. A moral que a história busca passar é a de que as mulheres devem respeitar a tradição e deixar que seus pais escolham com quem elas devem se casar.

Além de interpretação de texto, trabalhamos com a questão das diferenças culturais entre Brasil e África e o respeito devido a essas diversidades. Falamos que na África, assim como em algumas regiões do Brasil, a cultura é mais oral, as histórias são, na maioria das vezes, passadas de uma pessoa para outra de forma falada e não por livros. Discutimos também as crenças, situando que, em grande parte do nosso país, diferentemente do que ocorre em algumas localidades de países africanos, as mulheres têm a liberdade de escolher com quem se casar.

Finalizada esta etapa da nossa transposição didática, abrimos outra discussão como nosso grupo de alunos a partir da obra *Olhar a África e ver o Brasil*, de Pierre Verger.

Esse livro apresenta fotos do Brasil e da África, com imagens que representam as influências do continente africano no nosso país. As crianças gostaram muito de perceber alguns aspectos da nossa cultura que foram trazidos com a vinda dos africanos para cá e, com isso, introduzimos a próxima atividade a ser realizada: um bingo com palavras de origem africana, já que no livro havia o uso de algumas destas palavras que utilizamos no Brasil.

O bingo foi feito com palavras de origem africana como *bagunça*, *batuque*, *cafundó*, *cochilar*, *dengoso*, *fuxico*, *macaco* e *muvuca*. Procuramos escolher palavras que eles, provavelmente, conhecessem e algumas de leitura não tão simples, como *marimbondo*.

Os alunos escolheram oito palavras dentre as várias colocadas na lousa e as escreveram numa folha de sulfite dobrada em oito partes. Esta folha foi transformada em uma cartela de bingo. Em seguida, sorteamos as palavras e eles foram marcando as que tivessem em suas cartelas.

Com essa atividade, trabalhamos a leitura deles que foi feita quando todos leram, em voz alta, com o nosso auxílio, as palavras da lousa e quando tiveram de escolher aquelas que colocariam em sua tabela. A escrita ficou por conta da cópia feita pelos alunos das palavras escolhidas na lousa.

Percebemos que a leitura feita no coletivo foi tranqüila, mas, quando o jogo começou, muitos “ficaram perdidos”, pois não sabiam se tinham ou não a palavra sorteada. Desse modo, percebemos que, diferente do que pensávamos, a maioria deles não dominava a leitura e a escrita da língua portuguesa.

Para encerrar o dia, fizemos a brincadeira do “Vivo ou Morto”, modificada com movimentos da capoeira. Para o *vivo*, eles deveriam fazer o movimento da *ginga* e para o *morto*, o da *cocorinha*.

O nosso planejamento previa mais duas atividades: a *amarelinha*, jogo africano, lá chamado de “Pular a macaca”, e a confecção de um desenho no qual eles deveriam registrar a atividade do dia que mais gostaram e que serviria também para trabalhar a questão da própria identidade. Porém, não tivemos tempo de fazê-las. Assim sendo, finalizamos o dia com uma conversa sobre o que eles haviam aprendido e do que mais haviam gostado.

A conversa foi muito rica. A maioria, de imediato, disse que aprendeu “vivo ou morto” ou “bingo”, provavelmente por terem sido as últimas atividades feitas. Mas, quando fomos questionando mais de perto suas respostas, afirmações tais como: “aprendi capoeira”, “lembrei do movimento que eu tinha esquecido”, “gostei da capoeira diferente”, “aprendi que na África as mulheres não podem casar com quem querem”, “aprendemos outros países”, “aprendemos que em outros países também falam Português”, “as coisas que têm de diferente e igual no Brasil e na África”, pouco a pouco, começaram a surgir.

Como eles começaram a se dispersar enquanto guardavam o material para irem embora, perguntamos se conheciam a brincadeira “Escravos de Jó” e todos responderam que sim e começaram a cantar a música da brincadeira. Quando terminaram, dissemos que essa era uma brincadeira africana que havia sido modificada no Brasil. Eles cantavam “deixa Pereira ficar”, mas na versão africana o trecho é “deixa zambelê ficar”. Com isso, agradecemos a eles pela participação e cooperação conosco, encerrando a nossa aula.

Acreditamos ter conseguido alcançar nossos objetivos na aplicação do projeto. A transposição didática feita foi ótima para trabalharmos com boa parte do conhecimento com o qual tivemos contato no “espaço de criação” organizado para nós, professores e aluno, pela professora Nilce, tanto do ponto de vista do currículo fixo e explícito (interpretação de texto, alfabetização, Geografia, História), tanto como em questões mais delicadas e, muitas vezes, ocultas em sala de aula, tais como: formação de identidade, respeito à diferença, abstração, formulação de hipóteses, relações raciais em sala de aula e na sociedade, preconceito, dentre outras.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Rogério (1988). **Bichos da África: lendas e fábulas**. São Paulo: Melhoramentos.

VERGER, Pierre (2005). **Olhar a África e ver o Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Autoras

Isis Megumi Inafuku e Natália Dresser Zago

Professoras e graduandas pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Contato: isis_megumi@hotmail.com

Como citar este depoimento:

INAFUKU, Isis Megumi e ZAGO, Natália Dresser. **África e Brasil: uma transposição didática e cultural** ACOALFaplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 6, 2009. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Publicado em: março 2009.

Recebido em junho de 2008/ Aprovado em julho de 2008

